



**O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO NO COMBATE ÀS *FAKE NEWS***  
**THE ROLE OF THE LIBRARIAN IN COMBATING FAKE NEWS**SANTOS, Everson Barcelos<sup>1</sup>**RESUMO**

Este estudo analisou diversos artigos, teses e dissertações, além de sítios eletrônicos que abordam sobre o termo *Fake News*. Este termo se refere a mentiras apresentadas como notícias, ou seja, falsidades formatadas e feitas com a finalidade de circular de forma que o leitor possa acreditar se tratar de uma notícia legítima. A partir desse problema e dos perigos causados pelas notícias falsas, destaca-se a figura do bibliotecário para ajudar no combate às *Fake News*. Apesar dessas práticas não terem uma origem certa, o termo *Fake News* é recente e cresceu no meio das redes sociais no ambiente da Web 2.0. Nesse contexto, o estudo explica a importância da formação tecnológica e abrangente dos bibliotecários para dominar as tecnologias modernas e auxiliar os indivíduos na utilização dessas tecnologias. Os bibliotecários, por meio dos estudos em competência em informação, podem tornar os indivíduos críticos e autônomos, capazes de questionar e selecionar informações de qualidade por conta própria.

**Palavras-chave:** Biblioteconomia. Fake News. Competência em informação.

**ABSTRACT**

This study analyzed several articles, theses and dissertations, and websites that discuss about the term Fake News. This term refers to lies presented as news, that is, falsehoods formatted and made with the purpose of circulating in such a way that the reader can believe it is legitimate news. Based on this problem and the dangers caused by fake news, stands out the role of librarians to help in the fight against Fake News. Although these practices do not have a certain origin, the term Fake News is recent and grew among social medias in the Web 2.0 environment. In this context, the study explains the importance of technological and embracing qualification of librarians to master modern technologies and assist individuals in using these technologies. Librarians, through information literacy, can make individuals critical and autonomous, capable to question and select quality information on their own.

**Keywords:** Librarianship. Fake News. Information Literacy.

---

<sup>1</sup> Graduado em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília (UnB) e Pós-graduado em Biblioteconomia pela Faculdade FaSouza. E-mail: evbarcelos1995@gmail.com.

## 1. INTRODUÇÃO

Buscando compreender melhor o fenômeno das *Fake News* e seu impacto na sociedade atual, surge o seguinte questionamento: como os bibliotecários, profissionais que trabalham diariamente com informação, podem ajudar no combate à propagação de notícias falsas, mais conhecidas no mundo todo como *Fake News*.

*Fake News* são as informações de caráter jornalístico, mas que não representam a realidade. Não se sabe ao certo a origem das *Fake News*, todavia o tema ganhou bastante destaque com o advento da *internet*, principalmente pelo uso das redes sociais, que marca o período da *Web 2.0*.

Geralmente essas notícias falsas são criadas com os mais variados objetivos, como: gerar uma polêmica, difamar ou caluniar uma pessoa, ou até mesmo influenciar a opinião das massas sobre um determinado viés político e econômico.

Um dos maiores desafios é combater as notícias enganosas e ao mesmo tempo respeitar a liberdade de expressão sem resultar em censura. Além disso, tem-se como desafio a necessidade de se criar instrumentos que possam filtrar e averiguar as informações disponíveis na *internet*. Os bibliotecários podem ajudar na criação desses instrumentos, visto que possuem amplo conhecimento em seleção de materiais. Constantemente estão selecionando documentos relevantes para aquisição das bibliotecas e centros de informação, ao mesmo tempo em que descartam materiais não relevantes para as instituições. Ou seja, está no dia a dia do bibliotecário analisar criticamente informações contidas em documentos. Informações falsas, enganosas, tendenciosas, escandalosas geralmente saltam aos olhos desses profissionais.

Tendo em vista a temática mencionada, o presente artigo busca reunir os principais conceitos de *Fake News*, apresentados em *sites*, artigos científicos e trabalhos acadêmicos, quais são os seus impactos na sociedade e de que forma os bibliotecários podem contribuir para combater essas notícias. Os artigos científicos, teses e dissertações estudados foram coletados pela base de dados Google Acadêmico.



## 2. FAKE NEWS – HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO

Em linhas gerais, *Fake News* são notícias falsas, inventadas ou fabricadas com o objetivo de enganar ou manipular o público. Nesse sentido, trata-se de informações enganosas que são divulgadas de forma proposital. As *Fake News* buscam chamar a atenção de uma audiência, influenciar a opinião pública ou causar prejuízo a alguém ou a alguma instituição.

As *Fake News* são, conforme aponta Brisola e Bezerra (2018), informações com características de notícias, mas intencionalmente falsas, que buscam enganar os leitores. Apesar de possuir características jornalísticas, são pensadas e fabricadas para manipular a verdade, adotam linguagens que valorizam a emoção em detrimento da razão.

Nesse mesmo sentido, Pinto (2018) afirma que a expressão “*Fake News*” se refere a mentiras apresentadas como notícias, ou seja, falsidades formatadas e feitas com a finalidade de circular (principalmente pelas redes sociais) de forma que o leitor possa acreditar se tratar de uma notícia legítima.

Uma notícia enganosa pode se apresentar de várias formas. Não necessariamente é uma mentira absurda, fácil de ser percebida. A simples omissão de uma parte da notícia, ou a sua reprodução em uma época distinta, podem ser consideradas como notícias falsas e gerarem impactos devastadores.

Segundo Llorente (2017), a divulgação e o consumo de *Fake News* implicam a banalização da mentira, através do aumento do emocional e de crenças pessoais, em substituição ao racional e objetivo, independentemente dos fatos verificáveis.

Uma forma bastante popular de *Fake News* que aparece em *sites* de notícias é o “*clickbait*”. Uma possível tradução para este termo seria “isca de cliques”. Significa que o site de notícias utilizou de uma manchete sensacionalista, exagerada ou mentirosa apenas para fazer com que os usuários cliquem na reportagem e o portal ganhe dinheiro por causa do acesso. Ao abrir a notícia na íntegra, o usuário percebe que a notícia não tem uma fiel e real correspondência com a manchete. O *clickbait* tende a funcionar, uma vez que as pessoas estão interessadas em conteúdos cada vez mais rápidos de serem consumidos devido à modernidade líquida cercear seu

tempo disponível, fazendo com que leiam apenas títulos e reproduzindo inverdades, sem conferir a notícia completa.

A utilização de *clickbait* marca a transição do jornalismo tradicional para o jornalismo digital. Com a transição para o jornalismo digital, as informações passaram a ser quase que totalmente gratuitas. Assim, o *clickbait* passou a ser uma forma das instituições continuarem lucrando, mesmo com notícias gratuitas. O ganho passou a ser por meio de cliques e visualização de anúncios. Rapidamente *clickbait* e *Fake News* ficaram atrelados, visto que os usuários abrem muito mais as notícias com algum apelo emocional, ou com alguma história exagerada ou fantasiosa.

Outro conceito atrelado às *Fake News* e que causa grandes preocupações para o futuro é o conceito de “*deepfake*”. Conforme Machado (2022), *deepfake* é o uso de inteligência artificial para trocar o rosto de pessoas em imagens ou vídeos, sincronizar movimentos labiais, expressões e demais gestos, em alguns casos essas manipulações apresentam resultados bem impressionantes e convincentes.

Um exemplo de *deepfake* que ficou bastante conhecido foi uma imagem do Papa Francisco utilizando uma jaqueta branca da marca Balenciaga e um colar de diamantes. A manipulação da imagem utilizando inteligência artificial ficou tão convincente que até mesmo a famosa revista americana *Vogue* compartilhou a imagem em sua rede social, acreditando ser verdadeira. A preocupação elementar acerca do uso de *deepfake* é a facilidade do uso da imagem de terceiros para cometer crimes.

Notícias falsas existem há bastante tempo, a disseminação é que foi agravada com a internet, por meio das redes sociais, sites e e-mails. Muitas notícias falsas estão relacionadas a projetos militares de espionagem e contrainformação, sendo extremamente difícil precisar uma origem. Na Inglaterra, no século XVII, as notícias falsas eram conhecidas como “*False News*”, essas notícias eram espalhadas por meio de cartas e panfletos, mas era mais fácil desmenti-las e não havia grande disseminação (SHARP, 1989).

Porém, o termo “*Fake News*” vem ganhando destaque apenas nos últimos anos. Conforme Hermínio (2022), este termo foi eleito como a expressão do ano em 2017 pelo dicionário Collins, principalmente por causa da eleição presidencial nos

Estados Unidos em 2016, entre Hilary Clinton e Donald Trump. Segundo Allcott e Gentzkow (2017), vários comentaristas sugeriram que Donald Trump não teria sido eleito presidente se não fosse pela influência das notícias falsas. De acordo com Mars (2018), em uma análise publicada por acadêmicos de Princeton, Dartmouth e Exeter, foi concluído que um em cada quatro norte-americanos visitou algum site de notícias falsas durante a campanha.

Outro exemplo de *Fake News* que ficou bastante conhecido no mundo todo e também trouxe impactos negativos para o Brasil até os dias de hoje, foi a falsa relação entre vacina e autismo. O médico Andrew Wakefield anunciou a possibilidade de a vacina tríplice causar autismo. A mera hipótese foi tratada como comprovação científica. A própria revista que publicou a hipótese de Andrew, conhecida como *Lancet*, trazia um artigo que refutava essa tese. O Conselho de Medicina do Reino Unido chegou a cancelar o registro médico de Andrew Wakefield e a revista *Lancet* se retratou sobre o artigo.

Contudo, o cancelamento do registro médico de Andrew e a retratação da revista *Lancet* não tiveram o mesmo alcance do que a proliferação da notícia falsa, fazendo com que até os dias de hoje, algumas pessoas acreditem erroneamente que as vacinas podem causar autismo e que são perigosas, fortalecendo um movimento que ficou conhecido como Movimento Antivacina. Este movimento além de alegar de forma errada que as vacinas causam autismo, também argumentam que as vacinas contêm microchips de rastreamento, implantam doenças e até alteram o DNA humano. Todas informações incabíveis, visto que as vacinas já erradicaram ou controlaram várias doenças.

Atualmente, a maior parte das pessoas obtém informações por meio da internet e das redes sociais. Ou seja, as mídias tradicionais de jornalismo perderam um pouco sua posição de destaque. A estrutura das redes sociais atuais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *WhatsApp*, *YouTube*, entre outros, possibilitou a propagação rápida e abrangente das *Fake News*. A *Web 2.0*, que marca o período de utilização das redes sociais, é caracterizada por abandonar uma comunicação unidirecional. Neste momento, todos os usuários das redes passaram a poder não só consumir informações de forma passiva, mas também criar e disseminar informações.

Nas redes sociais, há uma grande facilidade de compartilhamento de informações sem verificação. Muitas pessoas compartilham *Fake News* nas redes sociais por malícia. Porém, muitas dessas notícias são compartilhadas nas redes por pessoas que estão sendo enganadas, visto que as *Fake News* apresentam um conteúdo alarmista e as pessoas se desesperam para compartilhar.

De acordo com Arcangeli (2022) as redes sociais registram 4,62 bilhões de usuários no mundo e tendem a continuar crescendo. O autor aponta que essas plataformas recebem cerca de um milhão de novos usuários por dia. Apesar de começarem a se preocupar mais com a questão das notícias falsas, essas redes possibilitaram que diversos usuários pudessem compartilhar *Fake News* sem nenhum tipo de punição ou controle.

Um fenômeno que marca a presença das *Fake News* nas redes sociais atuais é a formação das chamadas “bolhas de informação”. Essas “bolhas” nada mais são do que os grupos de indivíduos que compartilham suas ideias nas redes sociais. Porém, em virtude dos algoritmos, esses usuários apenas recebem informações que reforçam seus próprios pensamentos. Isso dificulta a troca de informações e o contato com pensamentos diferentes. Nesse sentido, as bolhas de informação geram polarizações em torno das ideologias, o que proporciona um terreno fértil para as *Fake News*.

Nessa conjuntura, a partir da formação de bolhas informacionais, conforme Rochlin (2017), em muitos casos, a verdade da história não importa mais, sendo que o que importa é se a história se alinha com aquilo que o indivíduo quer ler ou ouvir. Assim, a natureza das notícias nas redes sociais passou a se transformar em um mercado baseado em crenças e emoções, deixando de lado a razão.

Pinto (2018) explica que as plataformas das redes sociais são desenhadas para priorizar conteúdos envolventes, polêmicos, com alta popularidade, em detrimento de notícias confiáveis. Este viés algorítmico de popularidade atrapalha a seleção de conteúdos de qualidade.

Outra atividade realizada nas redes sociais que fortalece o fenômeno das *Fake News* é a utilização de *bots*. *Bots* (que vem do inglês *robots* ou robôs), são programas de computador criados para rodar na internet realizando tarefas repetitivas e

automatizadas. Um *bot* pode ser útil e inofensivo, mas pode também, por exemplo, divulgar uma mesma informação falsa por meio de milhares de contas diferentes em uma rede social. O grande problema causado pelos *bots* é que uma mentira contada várias vezes pode tornar-se uma verdade. Quanto mais familiar uma notícia parecer, maior a chance de o indivíduo acreditar ser verdadeira.

Segundo Silva (2019), em uma pesquisa feita pela Universidade de Indiana, nos Estados Unidos, em 2017, percebeu-se que ao menos 15% do total de perfis do Twitter eram falsos e compostos por *bots*. Esses robôs tinham a função de compartilhar postagens e seguir famosos, principalmente influenciadores e políticos, a fim de aumentar as estatísticas dessas pessoas. De 2017 até os dias atuais, o *Twitter* passou a prestar mais atenção, identificar e excluir algumas dessas contas.

Ainda conforme a autora supracitada, a pesquisa apontou um problema grave: *bots* são fáceis de produzir e simples de manter com baixo custo. Em geral, envolve a utilização de poucos computadores conectados na rede. Isso explica a grande disseminação de *Fake News* nas redes sociais e sua capacidade de moldar a opinião pública e interferir no resultado de eleições.

Apesar de não serem sempre tratadas como ilegais, as *Fake News* têm se revelado extremamente prejudiciais, afetando a democracia ao desacreditar instituições públicas e mídias tradicionais. No contexto brasileiro, são especialmente evidenciadas na desinformação sobre vacinas, manipulação eleitoral e polarização política.

Pensando em atribuir maior responsabilidade para as plataformas e redes sociais, houve, no Brasil, o projeto de Lei 2.630/2020, que ficou conhecido como “PL das *Fake News*”. Este projeto visa combater a disseminação de informações falsas na internet, ajudar na identificação dos usuários, exigir maior transparência e responsabilidade das plataformas, aplicar multas para as plataformas que não cumprirem as regras estabelecidas. Todavia, o projeto foi bastante criticado e debatido, visto que parte da população argumenta e desconfia de que o projeto poderia ser uma forma de censura nas plataformas, violando a privacidade dos usuários.



Outra iniciativa interessante foi o Código de Conduta sobre Desinformação da União Europeia (UE). Esta iniciativa foi lançada em 2018 com o objetivo de combater a disseminação de notícias falsas, a fim de fortalecer a democracia e a confiança nas instituições oficiais. Busca-se, por meio desse empreendimento, melhorar a visibilidade e acessibilidade de notícias confiáveis, desenvolver ferramentas de detecção e remoção de notícias falsas, garantir transparência e autenticação dos usuários.

De acordo com Rais (2017), não é tão fácil descobrir uma notícia falsa, uma vez que as *Fake News* constituem basicamente em um novo “mercado” com diversas empresas que produzem e disseminam notícias enganosas em larga escala. Porém, não é impossível combatê-las. Os autores Brisola e Bezerra (2018) apontam que a visão de Paulo Freire de educação contribui para a formação de indivíduos críticos e autônomos, conscientes de sua posição social e capazes de lidar com a grande quantidade de informações da sociedade atual.

Nesse sentido, o profissional bibliotecário deve apresentar-se como um dos atores responsáveis por combater as *Fake News* e seus impactos negativos.

### 3. FUNÇÕES DO BIBLIOTECÁRIO E AS FAKE NEWS

Quando falamos em Biblioteconomia e no profissional bibliotecário logo associamos ao trabalho técnico realizado especificamente dentro das bibliotecas. Porém, as funções do bibliotecário são muito mais abrangentes e os campos de atuação são variados. Além de catalogar, indexar e classificar os documentos, os bibliotecários também desempenham atividades como a gestão de informação em bases de dados. Além de desempenharem suas atividades em bibliotecas, também podem trabalhar em arquivos, museus, centros de informação, escritórios de advocacia, institutos de pesquisa, empresas, órgãos públicos, hospitais, presídios, canais de televisão, forças armadas, bancos, entre outros.

Nesse contexto, Figueiredo e Souza (2007) concluem que o campo de atuação do bibliotecário é amplo, envolve tanto a esfera pública quanto a esfera privada e o terceiro setor, podendo atuar em qualquer dos setores econômicos (agricultura,

indústria ou serviços), ou, ainda, de forma autônoma. Isso porque o foco do profissional bibliotecário é a organização e disseminação da informação, sendo este um insumo importante presente em qualquer instituição.

O bibliotecário funciona como intermediador entre os indivíduos e as informações contidas nos diversos documentos, independente do suporte. Por isso, é natural considerar que os bibliotecários podem não só planejar e organizar seus acervos, mas também analisar e avaliar o conteúdo produzido na internet, verificando sua confiabilidade, integridade, relevância, com a finalidade de auxiliar os leitores e a sociedade (BELLUZO; SANTOS; ALMEIDA JÚNIOR, 2014).

Apesar da explosão bibliográfica ocorrida em 1448, com a invenção da imprensa de Gutenberg, e ainda a explosão bibliográfica decorrente da Segunda Guerra Mundial, é na contemporaneidade que vivemos um momento inédito na história da humanidade em que há um excesso de informação, não só disponível, mas ativamente bombardeada por diferentes tipos de mídia, de forma que a seleção e checagem de cada uma torna-se impraticável (MUELLER, 2000).

Conforme Indeed (2022), uma das principais imagens que vem à mente quando se fala em Biblioteconomia é de pessoas trabalhando em bibliotecas físicas, catalogando e organizando livros. Contudo, a profissão ganhou um viés mais tecnológico com o desenvolvimento do mundo digital. Pensando o fenômeno das *Fake News* como um fenômeno precipuamente digital, os bibliotecários podem desempenhar importante influência no que diz respeito à verificação e organização de informações na internet, sobretudo nas redes sociais. Dessa forma, é importante investir cada vez mais na formação tecnológica dos bibliotecários.

Nesse sentido, os bibliotecários produzem formas de filtrar, organizar e distribuir as informações já há bastante tempo. Como não é possível conter em um acervo todo o conhecimento produzido pelo homem, os bibliotecários criaram várias técnicas para filtrar e selecionar informações de qualidade. Esse conjunto de saberes, habilidades e atitudes é conhecido na área como competência em informação, letramento informacional ou alfabetização informacional.

Belluzo, Santos e Almeida Júnior (2014) conceituam competência em informação como um processo que tem como finalidade o desenvolvimento do

pensamento crítico, analítico e prático em relação ao universo de informações disponíveis, de forma que se consolidem como competências que assegurem o exercício da cidadania a partir de métodos de busca, recuperação, avaliação e disseminação da informação.

Para tanto, os autores relatam que é fundamental o incentivo do domínio do uso de ferramentas tecnológicas com criticidade e autonomia para cada indivíduo. O papel do bibliotecário neste desafio se torna o de mediador, desenvolvendo técnicas para organizar e filtrar a informação, e ainda na capacitação da população.

A principal atitude a ser incentivada no combate às *Fake News* é a verificação de informações. Notícias que usam fontes anônimas ou pouco confiáveis para justificar uma reportagem devem ser tratadas com cautela.

Nessa perspectiva, os bibliotecários podem ajudar orientando sobre as fontes de informação confiáveis, uma vez que trabalham diariamente as consultando. Quando um bibliotecário disponibiliza documentos digitais em seu acervo eletrônico, por exemplo, este profissional deve pesquisar sobre bases de dados confiáveis e que são referências em determinada área.

Sob o viés da educação para o exercício da cidadania, o educador e filósofo Paulo Freire (2002) defendia que a transformação da realidade só é possível a partir de um olhar crítico para a sua posição social, para o alcance da emancipação. Para o autor, o projeto emancipatório consiste em “os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e os opressores” (FREIRE, 2002, p. 30).

Esse pensamento conversa com a atual situação das *Fake News*, uma vez que é comum seu uso para manipulação das massas oprimidas e manutenção do *status quo* imposto pelas classes dominantes, as quais Freire (2002) denomina opressores. Um indivíduo autônomo, crítico e ciente de sua realidade social é capaz de questionar as informações disseminadas pelas mídias e agir como um agente transformador da realidade.

Existem iniciativas de checagem de fatos (fact-checking) que verificam o que é verdadeiro ou falso. No entanto, unindo o trabalho entre bibliotecários e jornalistas

essas iniciativas seriam mais eficazes, além de oferecer espaço para a capacitação de cidadãos no discernimento entre fatos e mitos.

Vale ressaltar que o bibliotecário não seria, sozinho, o único responsável pelo combate às notícias enganosas. Na realidade, esse trabalho deve ser feito em conjunto com parlamentares e profissionais que trabalham com informação, como jornalistas, arquivistas, editores, produtores culturais, não se limitando a esferas específicas da atividade humana. Além disso, torna-se de suma importância não só a preocupação dos profissionais com essas questões, mas a sociedade como um todo. Os profissionais da informação devem trabalhar, portanto, com o conceito de competência informacional para que os próprios consumidores de informação possam analisar criticamente e de forma autônoma o que estão consumindo de informação.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou elucidar o conceito de *Fake News* e seus impactos na sociedade atual. A partir dessa problemática, discutimos como os profissionais formados em Biblioteconomia podem ajudar na batalha contra as notícias enganosas.

Destaca-se que o conceito de *Fake News* adotado foi o de informações de caráter jornalístico, mas que distorcem a realidade. Apesar de ser um termo recente, não se sabe a origem desse tipo de prática.

Percebe-se por meio de exemplos práticos mencionados no estudo que as *Fake News* podem ameaçar a estrutura em que se fundamenta a sociedade. São capazes de enfraquecer governos e instituições públicas, assustar pessoas, gerar crises econômicas e sanitárias, dentre várias outras ameaças. Ressalta-se que a estrutura das redes sociais e a formação de bolhas de informação propiciaram a disseminação das *Fake News* na Web 2.0. Nessa conjuntura, evidencia-se a importância da formação tecnológica dos bibliotecários para atuar na prevenção e controle de *Fake News* diretamente na internet e nas redes sociais.

Em síntese, é imperativo reconhecer que a formação do bibliotecário deve ser ampla e voltada também para as tecnologias modernas. Assim, o bibliotecário pode



trabalhar com o conceito de competência em informação, auxiliando as pessoas a desenvolver pensamento crítico e autonomia para lidar com o contexto de excesso de informações que a globalização nos proporcionou.

## REFERÊNCIAS

ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.

ARCANGELI, C. **Redes sociais registram 4,62 bi de usuários** – e vão continuar crescendo. *Colunistas Exame*, 2022. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/empreender-liberta/redes-sociais-registram-462-bi-de-usuarios-e-vao-continuar-crescendo/>. Acesso em: 26 set. 2023.

BELLUZZO, R. C. B., SANTOS, C. A. dos, ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. A competência em informação e sua avaliação sob a ótica da mediação da informação: reflexões e aproximações teóricas. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n2p60>. Acesso em: 10. out. 2023.

BRISOLA, A.; BEZERRA, A. C.. **Desinformação e Circulação de “Fake News”**: distinções, diagnóstico e reação. *Anais do XIX Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação – ENANCIB 2018*. Disponível em: [http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX\\_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1219/1636](http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/paper/view/1219/1636). Acesso em: 26 set. 2023.

FIGUEIREDO, M. A. C. de, SOUZA, R. R. Aspectos profissionais do bibliotecário. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, n. 24, p. 10-31, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/147/14702403.pdf>. Acesso em: 10. out. 2023.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Ed Paz e Terra, Rio de Janeiro. 2002.

HERMÍNIO, B. **Fake News**: origem, usos atuais e regulamentação. *Notícias do IEA-USP*, 2022. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/fake-news-origem-usos-atuais-e-regulamentacao>. Acesso em: 26. set. 2023.

INDEED. O que faz um bibliotecário. 2022. Disponível em: <https://br.indeed.com/conselho-de-carreira/encontrando-emprego/o-que-faz-bibliotecario>. Acesso em: 10. out. 2023.

LLORENTE, J. A Era da Pós-Verdade: realidade versus percepção. **Revista UNO**, v. 27, p. 9, 2017. Disponível em [https://www.revistauno.com.br/wpcontent/uploads/2017/03/UNO\\_27\\_BR\\_baja.pdf](https://www.revistauno.com.br/wpcontent/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf). Acesso em: 10. out. 2023.

MACHADO, A. **O que é Deepfake e por que você deveria se preocupar**. Tecnoblog, 2022. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-deep-fake-e-porque-voce-deveria-se-preocupar-com-isso/>. Acesso em: 14. out. 2023.

MARS, A. **Como a desinformação influenciou nas eleições presidenciais?** Boletim do EL PAÍS América, 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655\\_450950.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/24/internacional/1519484655_450950.html). Acesso em: 26 set. 2023.

MUELLER, S. P. M. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

PINTO, P. J. R. **Fake News e social media em Portugal**: conceitos, realidades e hipóteses. 2018. 298 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2018. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/119799/2/333946.pdf>. Acesso em: 26. set. 2023.

RAIS, D. **O que é Fake News**. 2017. Disponível em: <https://www.mackenzie.br/fakenews/noticias/arquivo/n/a/i/o-que-e-fake-news/>. Acesso em: 24 set. 2023.

ROCHLIN, N. Fake news: belief in post-truth. **Library Hi Tech**, v. 35, n. 3, p. 386-392, 2017. <https://doi.org/10.1108/LHT-03-2017-0062>

SHARP, B. Popular Political Opinion in England 1660-1685. **History of European Ideas**, v. 10, n. 1, p. 13-29, 1989.

SILVA, Julian Cássia da Mata. **Robôs estão disseminando Fake News**. Artigos Jusbrasil, 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/robos-estao-disseminando-fake-news-como-isso-e-possivel/702460188>. Acesso em: 16. out. 2023.